

A resistência às opressões de gênero, raça e classe a partir da obra de Judith Butler

ARLINDO AMÉRICO TAVARES MARTINS JÚNIOR¹; SÔNIA MARIA SCHIO²

¹ Universidade Federal de Pelotas – arlindomartinsjunior@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – soniaschio@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Judith Butler (1956-), à luz dos estudos feministas e queer, identificou que o gênero é utilizado como um marcador social de diferença fundante de uma estruturação ficcional do sujeito representacional que perpassa a Filosofia, a Psicanálise e a Linguística e articulou um entendimento de que a constituição biopsicossocial do poder se perfaz em um conjunto de normas implícitas e explícitas cristalizadas em práticas discursivas e jurídicas que regulam a vida social de tal modo que indicam quem pode viver e quem pode ou deve morrer. Esse entendimento coadunou a tríade sexo-gênero-desejo com outras categorias conceituais adotadas para a identificação e a diferenciação da vivibilidade e da enlutabilidade conferidas às pessoas no mundo pós-colonial.

Raça, sexualidade, classe econômica e localização geográfica e cultural são exemplos de categorias de diferenciação que se interseccionam na produção da sujeição das pessoas e implicam, de forma ampla, nas condições de dignidade e vivibilidade atribuídas aos grupos sociais. Isso se aplica desde os níveis de acesso à moradia, saúde e educação garantidos por políticas públicas até aos extermínios populacionais cometidos pelos aparatos militares dos estados, em determinados casos ou, em outros, com anuência ou condescendência estatal a ações civis que reproduzem violências sistêmicas contra sujeitos representacionais específicos.

Neste ínterim, este trabalho tematiza o modo com que o sistema filosófico butleriano relaciona diferentes marcadores de diferença (especialmente gênero, raça e classe) numa rede de opressões que se realiza em quadros políticos e econômicos neoliberais. A pesquisa enunciada problematiza como que, se visto sob uma perspectiva crítica, o conjunto conceitual com o qual Butler aborda essas opressões sistêmicas e as performances de resistência política em manifestações de assembleia contra a precariedade pode ser relevante para que se estabeleça compreensões situadas da resistência no quadro político contemporâneo por meio de uma posição teórica e política contrarrealista – que tem nesse quadro seu ponto de partida mas que a ele subverte. A partir deste prisma, esta investigação relaciona elementos da obra de Butler com interlocuções e interpretações teóricas que colaboram ao trânsito de nexos da filosofia butleriana para os contextos latino-americano e brasileiro com os objetivos de a) investigar a transnacionalidade de opressões sistêmicas que se repetem em diferentes localidades de um cenário global onde se reformulam as marcas do colonialismo que estruturou o mundo contemporâneo; 2) examinar movimentos e performances de resistência à precariedade produzida pelo neoliberalismo que se realizam, igualmente, em um cenário transnacional 3) considerar possibilidades de composição de outros mundos possíveis a partir de uma interpretação das manifestações de assembleia contra a precariedade que invocam e corporificam interdependência e igualdade política.

2. METODOLOGIA

A revisão bibliográfica caracteriza a metodologia deste trabalho. Foram selecionadas publicações que embasam a investigação das relações enunciadas de acordo com os objetivos da pesquisa. O método de abordagem utilizado é a genealogia e é a partir do próprio modo de operação butleriano que a escolha justifica, visto que Butler, inspirando-se em Michel Foucault (1926-1984) e, consequentemente, em Friedrich Nietzsche (1844-1900), utiliza a genealogia para a análise de conceitos filosóficos em relação com os contextos de suas nomeações.

Enquanto *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990), *Corpos que importam* (1993) e *Desfazendo Gênero* (2004) sumarizam as fontes primárias para a elaboração do primeiro objetivo do trabalho, *Desposseção* (2013), *Vida precária: os poderes do luto e da violência* (2014), *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia* (2015) e *A força da não-violência: o vínculo ético-político* (2020) subsidiam a discussão das questões que permeiam os objetivos segundo e terceiro. Por fim, são pontuadas interlocuções com o pensamento butleriano que incorporam elementos relevantes para que se compreenda potencialidades criativas das manifestações sociais de resistência à precariedade em contextos situados e transnacionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Butler (2018, p. 18) recuperou a questão da construção política do sujeito e problematizou a noção da integridade ontológica do sujeito representacional de teorias feministas hegemônicas a partir da observação foucaultiana da produção e da representação “do sujeito” nas estruturas jurídicas que produzem os termos reproduzidos pelos próprios sujeitos. De acordo com Butler:

O poder jurídico “produz” inevitavelmente o que alega meramente representar; consequentemente, a política tem de se preocupar com essa função dual do poder: jurídica e produtiva. Com efeito, a lei produz e depois oculta a noção de “sujeito perante a lei”, de modo a invocar essa formação discursiva como premissa básica natural que legitima, subseqüentemente, a própria hegemonia reguladora da lei. (Butler, 2018, p.19)

Para além da oposição a integridade do sujeito universal feminista, Butler perscrutou a ideia de que a noção de integridade ontológica “do sujeito” reproduz exclusões essencialistas de tal modo que é “um vestígio contemporâneo do estado natural, essa fábula fundante que é constitutiva das estruturas jurídicas do liberalismo clássico” (Butler, 2018, p. 20) e, afirmou, que “parece necessário repensar radicalmente as construções ontológicas de identidade na prática política feminista, de modo a formular uma política representacional capaz de renovar o feminismo em outros termos (Butler, 2018, p.24). Em contrariedade às noções que essencializam a diferença sexual, de gênero e de sexualidade, Butler interpõe a análise de performances que subvertem a binaridade imposta pela regulação do poder e desestabilizam suas normas. Tal desestabilização ocorre no interior do campo de força do poder, pois é na instabilidade e na ambivalência que o caracterizam que a resistência se faz possível (Butler, 2018).

Nas publicações que sucederam *Problemas de Gênero*, Butler continuou com a análise da inteligibilidade, da materialidade e das condições de vivibilidade con-

cedidas aos corpos. Em *Desfazendo Gênero*, a discussão sobre as relações políticas entre distintos marcadores sociais de diferença aparece de forma mais objetiva, ainda que já pudesse ser considerada em *Corpos que Importam e os limites discursivos do sexo*. Em *Agir em conjunto*, introdução de *Desfazendo Gênero*, Butler sinalizou a relação entre o reconhecimento dos corpos e a vida vivível de forma que:

O humano é diferencialmente entendido de acordo com sua raça, a legibilidade de sua raça, sua morfologia, a reconhecibilidade dessa morfologia, seu sexo, a verificabilidade perpétua de seu sexo, sua etnia, o entendimento categórico dessa etnia. Algumas pessoas são reconhecidas como menos que humanas e essa forma de reconhecimento qualificado não condiz a uma vida vivível. (Butler, 2022, p. 13)

Por conseguinte, a partir do exame dos sistemas de exclusão pelas vias da inteligibilidade e da nomeação da precariedade como um dispositivo conceitual coerente para a identificação de fenômenos de abjeção de diferentes grupos de pessoas subalternizadas em privação de vidas vivíveis (Butler, 2018; 2019b; 2022), derivou-se uma proposição ético-política na qual os conceitos de interdependência e vivibilidade fundamentaram a base ontológica com a qual Butler se opõe ao conjunto de violências que se retroalimentam nos sistemas políticos e econômicos neoliberais (Butler, 2022; 2020; 2019a; 2021). Em tal abordagem, a precariedade é entendida como:

a rubrica que une as mulheres, os queers, as pessoas transgêneras, os pobres, aqueles com habilidades diferenciadas, os apátridas, mas também as minorias raciais e religiosas: é uma condição social e econômica, mas não uma identidade (na verdade, ela atravessa essas categorias e produz alianças potenciais entre aqueles que não reconhecem que pertencem uns aos outros) (Butler, 2019a, p.65).

Destarte, Butler invocou a potencialidade subversiva de alianças políticas entre pessoas que, por diferentes motivos, são violentamente expostas à precariedade e que, contra a precariedade, se organizam e reivindicam condições de vivibilidade coletiva (Butler, 2024; 2019b) quando performam assembleias pacíficas nas quais a não-violência é um ideal normativo ao mesmo tempo em que é uma prática ético-política (Butler, 2021). Nessa perspectiva, as performances corporificadas tanto quanto aquelas enunciadas nas insígnias do *Black Lives Matter* e do *Ni una a Menos* são exemplificações expressivas do tipo de movimento aos quais Butler se refere.

O *Black Lives Matter* (em português, Vidas Negras Importam) é um movimento político centrado em pessoas negras que foi criado em 2013 em protesto à violência policial que acomete as pessoas racializadas (e a impunidade que faz com que se reproduza) nos Estados Unidos. O movimento adquiriu proporções globais em 2020, quando a brutalidade do assassinato de George Floyd desencadeou manifestações em dezenas de países nos quais a violência policial estatal também produz incontáveis mortes de pessoas racializadas. O movimento, atualmente organizado na *Black Lives Matter Global Network Foundation* coaduna em suas pautas reivindicações que interseccionalizam as violências sistêmicas às pessoas negras com as violências de gênero, sexualidade e classe social, entre outras que resultam no mesmo tipo de precariedade e negação à vivibilidade.

O *Ni Una Menos*, movimento contra a violência de gênero que se consolidou em 2015 em decorrência do feminicídio de Chiara Páez na Argentina e mobilizou mais de um milhão de pessoas “em protestos contra a violência machista [...] a fim de combater o homicídio de mulheres e trans, a discriminação, a agressão física e a desigualdade sistêmica” (Butler, 2021, p.145), também obteve imenso impacto político local e global e culminou na Greve Internacional Feminista. Verónica Gago

(2020, p. 19) observa que “a greve produz um salto: transformou a mobilização contra os feminicídios em um movimento radical, massivo e capaz de enlaçar e politizar de forma inovadora o rechaço às violências”.

4. CONCLUSÕES

As violências sistêmicas pós-coloniais assumem formas próprias e, de modo relacional, as possibilidades de resistência política se atualizam, assim como seus suportes. Enquanto instituições estatais formalizam métricas igualitárias de vivibilidade para determinados grupos de pessoas, outras vidas são violentamente relegadas à abjeção e à precariedade. Os índices internacionais sobre as agressões contra pessoas generificadas e racializadas são ilustrativos de uma lógica transnacional das relações de poder contemporâneas e das violências sistêmicas que produzem. Do mesmo modo, experiências situadas de resistência e reivindicação contra a precariedade neoliberal podem fornecer elementos úteis para uma leitura crítica da violência e para a articulação de realidades outras, como os casos do *Black Lives Matter*, do *Ni Una Menos* e de outras manifestações de assembleia contra a precariedade, que, em termos da gramática butleriana, auxiliam a vislumbrar possibilidades de constituir “um imaginário igualitário que capta a interdependência das vidas” (Butler, 2021, p. 155).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução de Fernanda Siqueira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.
- BUTLER, J. **Corpos que importam**. Tradução de Veronica Daminelli, Daniel Iago Françoli. – São Paulo: N-1, 2019b.
- BUTLER, J. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Tradução: Andreas. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BUTLER, J. **A força da não violência: um vínculo ético-político**. Tradução de Heci Regina Candiani. – São Paulo: Boitempo, 2021.
- BUTLER, J. **Desfazendo Gênero**. Coord. de tradução de Carla Rodrigues – São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- BUTLER, J. **Desposseção: o performativo na política** (Conversas com Athena Athanasiou). Tradução: Beatriz Zampieri. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.
- GAGO, V. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- GAGO, V. **Ocupar las calles, las casas y las plazas**. Editorial MinGéneros; 2023; pp. 168-187.
- RODRIGUES, C. **O luto entre a clínica e a política: Judith Butler para além do gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.